

BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

Chegamos então até a QUINTA das bem-aventuranças:

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Esta declaração representa um novo estágio na descrição do cristão, contida nas bem-aventuranças.

Verifica-se uma modificação no tipo e variedade de descrição. Passamos agora a interessar-nos mais pelas disposições do crente, olhando mais para os resultados de tudo quanto antes fora dito.

Naturalmente, isso também se dá no caso das bem-aventuranças subsequentes.

Já vimos alguns dos resultados que se verificam quando um homem realmente já se viu a si mesmo, sobretudo quando ele já se viu em seu relacionamento para com Deus. (Depravação Total)

Aqui, pois, estão algumas outras consequências que inevitavelmente terão de manifestar-se quando uma pessoa se torna verdadeiro crente.

Novamente podemos enfatizar o fato que o nosso Senhor escolheu criteriosamente a sequência de exposição das bem-aventuranças. Ele não falou meramente ao acaso.

Há um progresso bem definido no Seu pensamento; há uma sequência lógica.

Esta bem-aventurança particular deriva-se de todas as que a antecedem, e esta conectada especialmente com a bem-aventurança imediatamente anterior, que diz: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos". Então nos achegamos a quinta bem aventurança:

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Que tremendo teste para cada um de nós, quanto a toda a nossa posição e profissão de fé cristã!

É uma declaração que sonda nosso coração! Cristo esclareceu que essas são as pessoas felizes, são as pessoas que merecem ser congratuladas. É assim que o homem deveria ser: misericordioso.

Nosso Senhor estava retratando e delineando o crente e o caráter do crente.

Através das bem aventuranças, Ele nos sonda e testa, revelando tudo quanto à nossa profissão de fé cristã.

Esses testes fazem-nos lembrar de determinadas verdades, as quais são centrais e primárias no tocante à posição cristã inteira.

A primeira dessas verdades é a seguinte: O Evangelho cristão põe toda a sua ênfase sobre a questão do ser, e não sobre a questão do fazer.

O Evangelho dá muito maior importância às nossas atitudes do que às nossas ações (Motivação do coração).

Logo de início, o Evangelho frisa principalmente aquilo que você e eu somos na essência, e não aquilo que possamos realizar. Por todo este sermão, nosso Senhor preocupava-se com as nossas motivações.

Mais adiante Ele iria falar sobre as nossas ações; todavia, antes de fazê-lo, preferiu descrever o caráter e a **disposição corretos**.

Esse é o ensino essencial do novo testamento: O crente é alguma coisa, antes de fazer qualquer coisa; e assim, precisamos ser crentes, antes de podermos agir como crentes. Ora, essa é uma verdade fundamental.

Ser é mais importante do que fazer, e as atitudes são mais importantes do que os atos.

Primariamente, o que importa é o nosso caráter essencial.

Não fomos convocados como crentes, para sermos ou tentarmos ser crentes em certos aspectos.

Ser crente é possuir determinado caráter, e, portanto, é ser um certo tipo de pessoa. Contudo, essa verdade é erroneamente interpretada com tanta frequência que a maioria das pessoas pensa que o Novo Testamento nos ensina a tentar ser crentes quanto a este ou àquele aspecto, procurando viver como um crente vive, neste ou naquele particular.

De maneira nenhuma! Mas somos crentes, e as nossas ações são resultantes desse fato.

Subindo mais um degrau em nossas considerações, poderíamos dizer o seguinte:

Não se espera de nós que controlemos o nosso cristianismo; pelo contrário, nosso cristianismo é que nos deve controlar. A ideia é que o meu cristianismo precisa controlar-me: é necessário e essencial que eu seja governado pela verdade, visto que a operação do Espírito Santo em meu íntimo tornou-me crente.

Gálatas 2:19-20 Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.

É como se Paulo tivesse dito: "É Cristo quem me controla, e não eu mesmo. Portanto, não devo conceber a minha pessoa como um homem natural que esteja procurando controlar as suas atitudes e tentando ser um crente de diversas maneiras. Não, mas pelo contrário, o Seu Espírito controla-me desde o próprio centro de minha vida, dirigindo a própria fonte do meu ser, o manancial de onde brotam todas as minhas atividades".

Ninguém pode ler essas bem-aventuranças sem chegar a essa conclusão. A fé cristã não é algo que se manifeste à superfície da vida de um homem, não é meramente uma espécie de camada de verniz.

Não, mas é algo que está sucedendo no mais profundo de sua personalidade. Eis a razão por que o Novo Testamento fala em novo nascimento e em renovação espiritual, em uma nova criação e no recebimento de uma nova natureza. A fé cristã é algo que acontece num homem, no próprio cerne da sua existência; e esse algo passa então a controlar todos os pensamentos, toda a perspectiva do seu ser, toda a sua imaginação, e, em resultado disso, até mesmo todos os seus atos. Todas as nossas atividades, portanto, resultam dessa nova natureza, dessa nova disposição que recebemos da parte de Deus, através do Espírito Santo.

Essa é a razão pela qual essas bem-aventuranças nos sondam tão profundo em nossos corações. Por assim dizer, elas nos afirmam que ao vivermos a nossa vida diária, o tempo todo estaremos proclamando exatamente aquilo que somos. É isso que empresta tão grande seriedade à questão.

Segundo a nossa maneira de reagir é que demonstramos qual seja a nossa atitude espiritual; e é o espírito que proclama o que o indivíduo é em termos de cristianismo.

Naturalmente, há pessoas que, em virtude de forte poder da vontade, são capazes de controlar regularmente bem a maior parte dos seus atos. No entanto, em todos esses outros particulares, elas não cessam de proclamar o que realmente são. Todos nós vivemos proclamando se somos mesmo ou não "humildes de espírito"; se nos "lamentamos chorando", ou não; se somos "mansos", ou não; se "temos fome e sede de justiça", ou não.

Nossa vida inteira serve de expressão e proclamação daquilo que realmente somos.

E ao nos defrontarmos com uma lista como esta, ou então quando consideramos esse fabuloso retrato falado do crente, traçado por nosso Senhor, somos forçados a olhar para nós mesmos, examinando-nos e fazendo essas indagações a nosso respeito.

A pergunta específica que cabe aqui é: Somos misericordiosos?

O crente, de conformidade com nosso Senhor, não é somente aquilo que já vimos nele, nos capítulos anteriores, mas também é misericordioso. Esse é o indivíduo abençoado, pois é uma pessoa misericordiosa.

Que quis nosso Senhor dizer com isso?

Primeiramente, permita-me mencionar apenas um ponto negativo, que se impõe devido à sua importância. Não está em pauta que devamos ser "complacentes" com as coisas, conforme costumamos dizer. Pois há muita gente, nestes nossos dias, que pensa que ser misericordioso significa ser "complacente", alguém que não presta atenção às coisas, ou que, mesmo que as veja, finja não estar percebendo coisa nenhuma.

Isso, naturalmente, tem sido um perigo particular em todas as épocas, mas, sobretudo neste tempo em que quase ninguém mais acredita em ordem e disciplina, em que, em certo sentido, quase ninguém crê em justiça ou retidão. A opinião de nossa época é que o ser humano deve ter a mente mais absolutamente aberta, como se tivesse o direito de fazer qualquer coisa que queira.

O indivíduo misericordioso, conforme muitos pensam, seria aquele que sorri diante da transgressão e da desobediência às leis; seria aquele que diz: "Que importa? Vamos adiante!" Tal pessoa seria um moleirão, um desligado da realidade, que todos são capazes de dobrar facilmente, e para quem não importa se as leis estão sendo desobedecidas ou não, porquanto nem se incomoda por observá-las.

Ora, como é óbvio, não era isso que nosso Senhor queria dizer com a sua descrição do crente, neste versículo, e isso por excelentes razões.

Você deve estar lembrado que quando consideramos essas bem-aventuranças como um todo, salientamos fortemente o fato que nenhuma delas deveria ser interpretada em termos de disposições naturais de cada indivíduo; porquanto se alguém começasse a meditar nas bem-aventuranças segundo tais condições, perceberia que isso as tornaria grosseiramente injustas. (Se é natural da pessoa, não posso fazer nada).

Algumas pessoas já nascem com essa disposição, mas outras não; e assim, o indivíduo que nascesse com um temperamento complacente teria aqui uma grande vantagem sobre aqueles que não nasceram assim. Ora, isso seria uma negação do ensino bíblico inteiro. O Evangelho de Cristo não se limita a certos temperamentos; de acordo com o Evangelho, ninguém tem qualquer vantagem sobre outrem, quando se trata de enfrentar Deus face a face. **Romanos 3:21-23 Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos [e sobre todos] os que crêem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.**

Esse é o ensino do Novo Testamento, o que quer dizer que as disposições naturais jamais podem servir de base interpretativa para qualquer das bem-aventuranças.

Todavia, existe uma razão ainda mais forte para a nossa contenção, ao dizermos que o que se deve entender por "misericordioso" não é que a pessoa seja complacente. Pois quando interpretamos essa palavra,

necessário é que nos lembremos que esse é um adjetivo aplicado especial e especificamente ao próprio Deus. Por conseguinte, sem importar o que eu decida quanto ao significado da palavra "misericordioso", isso também é uma das qualidades ou atributos de Deus; mas, no momento em que eu considerasse essa palavra como se tivesse o sentido de ser complacente, isso lançaria a ideia no ridículo, se ela fosse aplicada a Deus. Deus é misericordioso; mas Deus também é reto, Deus também é santo, Deus também é justo; e, sem importar qual seja exatamente a nossa interpretação da palavra "misericordioso", forçoso é que se inclua todas essas ideias. **Salmos 85:10 Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram.**

Mas, se eu só posso pensar na misericórdia às custas da verdade e da lei, então isso não será a verdadeira misericórdia, e, sim, uma falsa compreensão do termo.

Que é a misericórdia? Penso que talvez a melhor maneira de abordarmos esse ponto seja comparando a misericórdia com a graça. Você pode notar, na introdução das chamadas Epístolas Pastorais, que o apóstolo se utilizou de uma nova palavra. A maioria das demais epístolas de Paulo começa dizendo: "Graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo"; mas, em suas epístolas pastorais, ele prefere dizer: "Graça, misericórdia e paz", o que indica que ele fez uma interessante distinção entre a graça e a misericórdia.

A melhor definição dessas duas virtudes que jamais encontrei, é a seguinte:

"A graça é especialmente vinculada aos homens, em seus pecados; mas a misericórdia é especialmente associada aos homens, em sua miséria".

Graça – É não nos punir segundo nossos pecados e, além disso, nos conceder a salvação em Cristo Jesus.

Misericórdia – È olhar para a miserabilidade de nosso ser e não nos punir segundo nossas ações pecaminosas.

A misericórdia realmente aponta para um senso de compaixão, com o objetivo de aliviar os sofrimentos. Esse é o sentido especial da qualidade da misericórdia: dó em parceria com a ação.

Assim sendo, o crente é alguém dotado do senso da piedade. A sua preocupação com a miséria sofrida por homens e mulheres produz nele o intenso desejo de aliviá-la.

Há muitas maneiras através das quais poderíamos ilustrar essa verdade. Por exemplo, possuir um espírito misericordioso equivale à atitude exibida quando você, subitamente, se vê em posição de domínio sobre outrem, que havia transgredido contra sua pessoa. Ora a maneira de você saber se é uma pessoa misericordiosa ou não consiste em considerar como você se está sentindo a respeito daquele indivíduo que o ofendeu. Haverá você de dizer: "Bem, agora exercerei os meus direitos quanto a isso. Quero cumprir a lei à risca. Essa pessoa transgrediu contra mim. e sei que é chegada a minha oportunidade de vingar-me"?

Essa atitude formaria a própria antítese da atitude misericordiosa. Tal transgressor está à sua mercê.

Em você manifesta-se, porventura, um espírito vingativo, ou antes, há em você a atitude de piedade e tristeza, ou, se você assim preferir, um espírito de gentileza para com o seu adversário, agora aflito?

E também poderíamos descrever a misericórdia como uma simpatia interna acompanhada de atos externos em relação às tristezas e sofrimentos do próximo.